



EDIÇÃO CRÍTICA DE  
FERNANDO PESSOA  
VOLUME I



POEMAS DE FERNANDO PESSOA  
1931-1933

IMPRESA NACIONAL - CASA DA MOEDA

Ministério da Cultura  
Grupo de Trabalho para o Estudo do Espólio  
e Edição da Obra Completa de Fernando Pessoa  
Coordenador: Ivo Castro

EDIÇÃO CRÍTICA DE FERNANDO PESSOA  
*Série Maior, Volume I, Tomo IV*

Volumes da Série Maior

I. Poemas de Fernando Pessoa

tomo I: até 1914 (*em publicação*)

tomo II: 1915-1920 (*em publicação*)

tomo III: 1921-1930 (*publicado*)

tomo IV: 1931-1933 (*publicado*)

tomo V: 1934-1935 (*publicado*)

Mensagem e Poemas Publicados em Vida (*em publicação*)

Quadras (*publicado*)

Rubai e Rubaiyat (*em publicação*)

II. Poemas de Álvaro de Campos (*publicado*)

III. Poemas de Ricardo Reis (*publicado*)

IV. Poemas de Alberto Caeiro (*em publicação*)

V. Poemas Ingleses

tomo I: Antinous, Inscriptions, Epithalamium, 35 Sonnets (*publicado*)

tomo II: Poemas de Alexander Search (*publicado*)

tomo III: The Mad Fiddler (*publicado*)

VI: Obras de António Mora (*publicado*)

## Introdução

Mantém-se, no período coberto por este quarto tomo dos *Poemas* ortónimos de Fernando Pessoa (datados e não publicados em vida), a tendência que já se manifestara em 1930 para o incremento da produção poética, medida em número de textos. Enquanto a década de 20 rendera, por junto, cerca de 250 poemas ortónimos, a produção sobe em 1930 para 124 composições e atingirá, no ano de 1934, uma massa de 280 poemas. Nos três anos aqui percorridos, assiste-se à manutenção dos níveis de 1930, com 103 poemas em 1931, uma quebra em 1932 (para 68 poemas) e uma recuperação para 130 no último ano do período. Depois disso, cada vez mais textos.

Deve isto ser relacionado com o propósito, declarado ao tempo por Pessoa e corroborado por outros, de se consagrar à publicação tanto tempo adiada das suas obras. Ao lado desses anúncios e dos planos editoriais, nem sempre condizentes entre si, e bons como as intenções sempre o são, temos uma massa importante de manuscritos a falar por si. Mas sem dizer tudo. Estamos perante um fenómeno de escrita nova, abundante e original, de vocação ortonímica? Ou são estes os resultados da retomada de manuscritos antigos para uma revisão final? Quando a revisão deixa à vista as costuras do que foi feito ao texto, sabemos o que aconteceu; mas se uma cópia tiver sido efectuada a partir de um original antigo, que é retirado de cena, as suas imperfeições facilmente se confundem com hesitações do vaivém criativo e um processo genético que pode ter demorado anos (ou dois minutos separados por anos) passa a ser visto como repente de hoje, fresco, ainda mal alinhado.

Não é, por este motivo, de acreditar que todos os poemas deste volume sejam filhos dos anos 1931-33. Mesmo que a característica dominante de terem testemunho único, muito ou pouco emendado, pareça sugerir que essa é a folha de papel que pela primeira vez viu nascer o poema. E mesmo que o modelo de Caeiro nos tenha habituado a que nenhum papel escrito jamais será destruído (não é verdade que o espólio conserva, de todos os poemas do *Guardador de Rebanhos* menos um, o original absoluto?). A possibilidade existe de certos destes poemas terem sido criados em anos anteriores, talvez naquela década de 20 reputadamente

tão magra de poemas finalizados, e de só mais tarde terem sido apurados (ou levados perto disso). As datas que ostentam serão, assim, as da revisita que o autor lhes fez.

A organização do presente livro não difere do modelo seguido nas edições antecedentes da Equipa Pessoa: após o texto crítico dos poemas, ordenados cronologicamente e transcritos conservadoramente, isto é, mantendo as opções e as variações ortográficas do texto-base, encontram-se os aparatos, que descrevem os testemunhos usados na edição, reconstituem o percurso genético de cada poema e denotam as variantes entre o nosso texto e as principais edições que constituem a tradição dos poemas aqui incluídos. Este aparato de variantes com a tradição tem o interesse de, além do fim para que foi construído, revelar também quais os poemas que não dispõem ainda de tradição, por serem publicados pela primeira vez, no presente caso um pouco mais de duas centenas.

Este livro foi sendo feito ao mesmo tempo que Patrick Quillier preparava a sua edição francesa das *Oeuvres Poétiques* de Pessoa (Paris, Gallimard, 2001). Quillier, como se sabe, partiu dos próprios manuscritos, mas dispôs de uma cópia provisória da minha edição, que lhe terá servido, espero, como contraditório face ao qual tantas vezes adquirimos a certeza de que é a nossa solução de decifração a boa. As suas notas textuais frequentemente registam esses pontos de discordância comigo e justificam duas palavras: uma dirigida a Patrick Quillier para agradecer a atenção e o pormenor com que leu, e deu conta de ter lido, o meu trabalho e outra para advertir, a quem confronte as duas edições, que a minha, por sair só agora, teve tempo de adoptar e incorporar no seu texto algumas das soluções diferentes propostas por Quillier. É disso bom exemplo o poema 172<sup>a</sup>, que me preparava para tratar como parte final do seu antecedente, mas que Quillier mostrou ser o segundo, e incompleto, de dois sonetos coabitantes de um bocado de papel almaço rasgado. Neste capítulo de reconhecimento de dívidas, importa referir também que os preliminares da preparação deste tomo se devem a José Nobre da Silveira e a Mariana Barreiros; o estabelecimento do texto, os aparatos e índices são da minha responsabilidade.







II e III [32-40<sup>v</sup> e 40<sup>r</sup>] — Poema 133, *Porque sou tão triste ignoro*. Complexo manuscrito: a leitura começa ao alto da página 40<sup>v</sup> (foto II), com a primeira estrofe em linha corrida e, mais abaixo, copiada a limpo em letra muito diferente. O texto prossegue na página 40<sup>r</sup> (foto III).

18/12/1922 61A.25

RESERVADO P. A. C. D. N.

Que temes? A ~~XXX~~ nevoa desce  
Velando tudo ao olhar,  
Mas ~~XXX XXXX~~ o que desaparece  
Continúa allí a estar.

~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~  
~~XXXXXXXXXX XXXX XXXXX XXXXXXXX~~  
~~XXXXXXXXXXXX~~

A morte mata sòmente  
O poder~~em~~-nos outrem ver.  
Nosso ser segue presente  
Naquillo que é nosso ser.

~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~  
~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~

Não temas. Se o outro valle  
D'este valle ~~tu~~ não vês  
A quem a montanha escale  
Stão os dois valles aos pés.

Procura, pois, o caminho  
Por onde sobe à montanha  
Quem sabe, austero e sòsinho,  
Na noite infinita e extranha,

Subir e vêr do alto monte,  
~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~  
Em treva melhor que a luz,  
Os dois valles, o horizonte,

Mesmo, até de aqui, quem, puro,  
Saiba à montanha subir,

E até de aqui o que, puro,  
Saiba à montanha subir,  
Ainda que andando no escuro,  
Vê ambos valles luzir.



16/12/32

Que temes? A nevoa desce  
Velando tudo ao olhar,  
Mas o que desaparece  
Continúa alli a estar.

A morte mata sòmente  
O poder-nos outrem vêr.  
Nosso ser segue presente  
Naquillo que é nosso ser.

Não temas. Ha uma montanha  
Entre dois valles ou prados.



IV e V [61A-25<sup>r</sup> e 26<sup>r</sup>] — Poema 168, *Que temes? A nevoa desce*. Dois testemunhos do mesmo poema: em 25<sup>r</sup> (foto IV), a primeira versão, mais longa, em 26<sup>r</sup>, uma cópia directa dos primeiros oito versos, rematada por dois versos que condensam os restantes da versão anterior.

18/9/1933.  
(but begun before)

Ha um homem que ninguem conhece,  
Que ninguem sabe de onde vem,  
(Que é qualquer homem que apparece)  
Mas não pergunta: ve-o e esquece.  
Conhece-o quando ve que é esse  
Indifferentemente bem.

É o qualquer sempre casual  
Em qualquer rua ou avenida  
Que seja para nós local,  
A certas horas de subida  
Ou de descida - é nos igual.

É esse homem que constante vemos,  
Que passa por nós sem que seja  
Mas que alguém que não conhecemos  
E que nunca conheceremos,  
Que o qualquer que a alma veja,

Quem diz que é só o transitorio?  
Quem diz que nelle, o nullo, o inglorio,  
Não vae, vestido de ninguem,  
Carnal o abysmo do illusorio?  
Podé ser Deus. Sabe-o alguém?



VI [61B-24<sup>r</sup>] — Poema 224, *Ha um homem que ninguem conhece*. Marcas autográficas em poema integralmente dactilografado: os parênteses do v. 3 foram acrescentados posteriormente, para forçar a ablação do verso e, assim, resolver problemas de coerência interna do poema.





## TEXTO CRÍTICO

Nesta parte do volume, publica-se o texto crítico dos poemas datados ortónimos de Fernando Pessoa. As cotas dos testemunhos usados para a edição de cada poema são indicadas entre colchetes a seguir ao número de ordem do poema; o testemunho-base vem em primeiro lugar.

Os versos que estão numerados a negro itálico na margem esquerda têm uma nota correspondente no Aparato Genético.

No corpo do poema, podem ocorrer três símbolos, também usados no Aparato Genético, que têm o seguinte valor:

- espaço deixado em branco pelo autor
- /<sup>\*</sup> / leitura conjecturada
- † palavra ilegível

I [6I-1<sup>r</sup>]

Cahe amplo o frio e eu durmo na tardança  
De adormecer —  
Sou, sem lar, nem conforto, nem esperança,  
Nem desejo de os ter.

5 E um choro por meu ser me innunda  
A imaginação.  
Saudade vaga, anonyma, profunda,  
Nausea da indecisão.

Frio do inverno duro, não te tira  
10 Agasalho ou amor.  
Dentro em meus ossos teu tremor delira.  
12 Cessa, seja eu quem fôr!

19-1-1931

2 [6I-2<sup>r</sup>]

Na orla do vento movem  
Seus corpos mortos as folhas.  
E ora das arvores chovem,  
Ora onde inertes não movem  
5 A chuva do outomno molha-as.

Não ha no meu pensamento  
 Vontade com que o pensar,  
 Não tenho neste momento  
 Nada no meu pensamento:  
 10 Sou como as folhas ao ar.

Mas ellas certo não sentem  
 Esta magua inteira e funda  
 13 Que meus sentidos consentem.  
 Nada são e nada sentem  
 Da minha magua profunda.

19-1-1931

3 [61-2<sup>v</sup>]

Oiço o sussurro do vento  
 Entre o arvoredado da noite.  
 Não tenho em mim a que acoite  
 4 O cansaço em que me estou.  
 5 O excesso de pensamento  
 Queimou-me. Sou cinza só.

Não me fallem á emoção.  
 Dorme no alpendre do fim.  
 Não sei que sabe de mim.  
 10 E quanto sente não sinto.  
 Tenho em vez o coração.

[19-1-1931]

4 [117-52<sup>r</sup>]

Gato que brincas na rua  
 Como se fôsse na cama,  
 Invejo a sorte que é tua  
 Porque nem sorte se chama.

5 Bom servo das leis fataes  
 Que regem pedras e gentes,  
 Que tens instinctos geraes  
 E sentes só o que sentes,  
  
 És feliz porque és assim,  
 10 Todo o nada que és é teu.  
 Eu vejo-me e estou sem mim,  
 Conheço-me e não sou eu.

Janeiro, 1931  
 (vinte e tantos)

5 [46-54<sup>r</sup>]

Dize-me. Cantas á beira  
 De um lugar onde não estiveste.  
 E depois, de outra maneira,  
 De um rio segues a esteira...  
 5 De um rio que nunca viste...

Que morada os diversos  
 Me dão com isto! Ultrapasso  
 A verdade □  
 Eu tenho que fazer versos  
 10 E não que estar onde os faço.

26-I-1931

6 [61-3<sup>r</sup>]

Em segredo, não vá  
 Qualquer cousa erguer  
 O vulto de onde está  
 A esquecer...

5 Em segredo, não seja  
 6 Verdade o mundo, e vão  
 7 Tudo quanto deseja  
 O coração...

Em segredo, em segredo  
 Que o mais que ha seja a alada  
 II Cousa que entre o arvoredado  
 12 Não era nada.

29-I-1931

7 [6I-4<sup>r</sup>]

No mar alto, no mar largo,  
 Ou, enfim, num mar qualquer,  
 Disperto d'esse lethargo  
 Que decidi ter que ter.

5 Fiz a grande extravagancia  
 De pensar em ser assim.  
 Sou constante á inconstancia  
 Que quero fazer de mim.

As laranjas e os limões  
 10 São parecidos á pelle.  
 Acabem as confusões  
 E cada qual seja elle.

30-I-1931

8 [6I-4<sup>r</sup>]

Algures no tempo ido,  
 Num spaço já esquecido,  
 Tive, guardada não sei  
 Onde, nem se inda a terei,  
 5 Uma pequena porção  
 De ser feliz sem razão.

É uma especie de fermento  
 Que se usa no pensamento  
 Para fazer bolo doce.  
 10 Com uma pequena dose  
 Consegue-se o que se quer.  
 O peor de tudo é viver.

Uma mão-cheia é bastante  
 Para aproveitar o instante  
 15 E doural-o de elegia.  
 Usa-se com agua fria.  
 Outros é com agua quente  
 (Lagrimas). É indifferente.

30-I-193I

9 [6I-5<sup>r</sup>]

Se o rouxinol fallasse, não cantava.  
 Ah, um bocado de inconsciencia!  
 Meu coração onde é que estava  
 Quando eu fallava com a sciencia?

5 Não... É excusado o amor...  
 Um sentimento...  
 Qualquer cousa que seja a flor  
 De não haver (nenhum) intento...

Qualquer cousa de intervallar;  
 10 Por imprecisa, suave...  
 Qualquer cousa como aquelle ar  
 Onde a alma é ave...

Depois, até o regresso á vida  
 Tem suavidade — aquella  
 15 Que, porque foi sentida,  
 É ainda a saudade d'ella.

Não pensar bem... Ir começando...  
 Depois, interromper sorrindo...  
 Ave que, ainda voando,  
 20 Vem cahindo...

Memoria do futuro inutil,  
 Preciosa a leque e a riso seu...  
 E o panno apaga o drama inutil  
 Que já esqueceu...

5-2-193I

IO [117-53<sup>r</sup>]

Não: não digas nada!  
 Suppôr o que dirá  
 A tua bocca velada  
 É ouvil-o já.

5 É ouvil-o melhor  
 Do que o dirias.  
 O que és não vem á flor  
 Das phrases e dos dias.

És melhor do que tu.  
 10 Não digas nada: sê!  
 Graça do corpo nu  
 Que invisível se vê.

5 e 6-2-1931

II [32-5<sup>r</sup>]

1 Andavam de noite aos segredos  
 Só porque era noite...  
 Os bosques enchiam de medos  
 Quem quer que se afoite...  
 5 Dizem palavras que param  
 Á sombra de alguém...  
 Ninguem os conhece, e passam...  
 Não eram ninguem...

Fica só na aragem e na ansia  
 10 Saudade a fingir...  
 Foi como se fora a distancia...  
 12 Eu torno a dormir.

11-2-1931